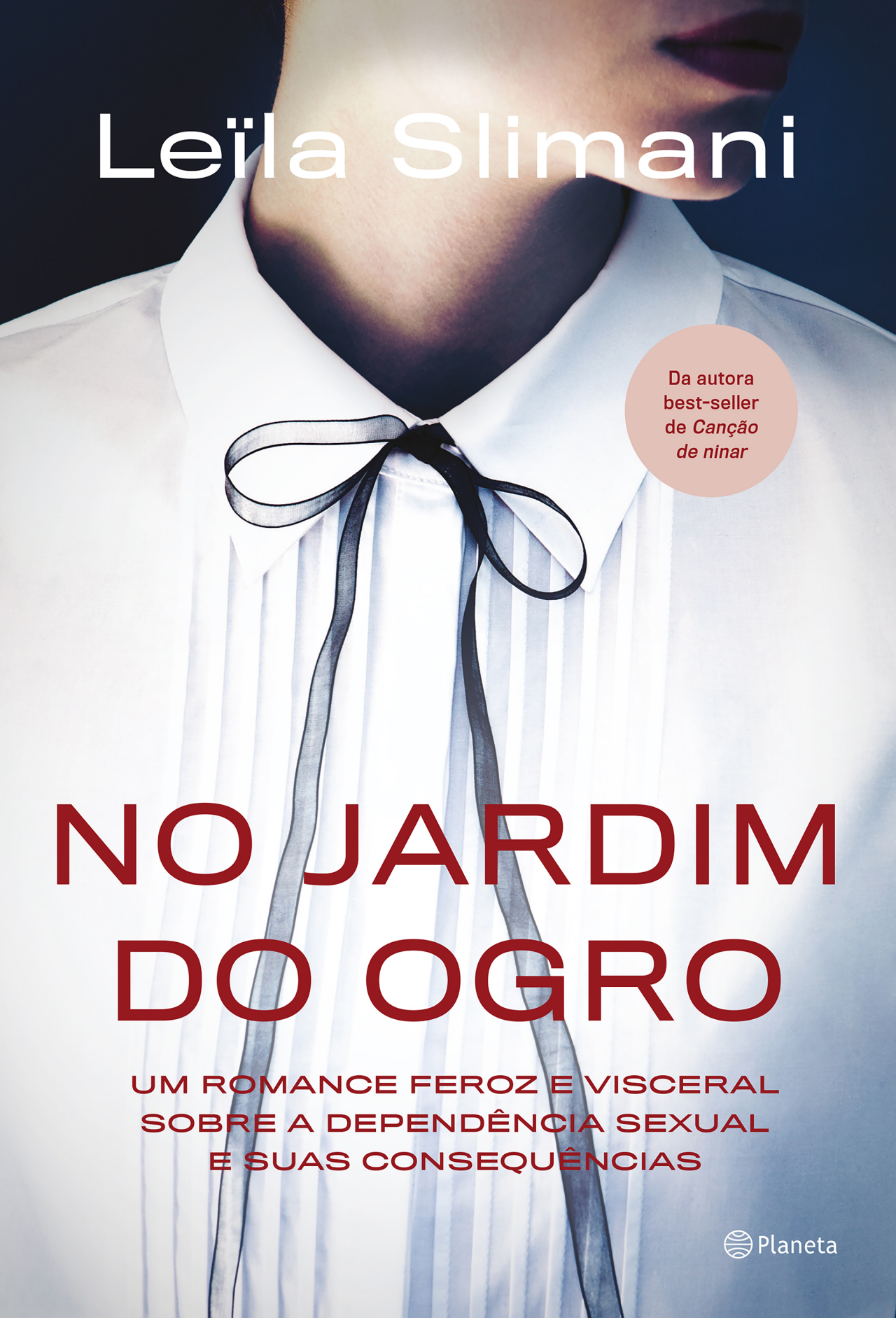

Leïla Slimani
Da autora best-seller de *Canção de ninar*
NO JARDIM DO OGRO
UM ROMANCE FEROZ E VISCERAL SOBRE A DEPENDÊNCIA SEXUAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS
Planeta

Leïla Slimani

NO JARDIM DO OGRO

UM ROMANCE FEROZ E VISCERAL
SOBRE A DEPENDÊNCIA SEXUAL
E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Tradução
Gisela Bergonzoni

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Éditions Gallimard, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019, 2026
Copyright da tradução © Gisela Bergonzoni, 2014
Todos os direitos reservados.
Título original: *Dans le jardin de l'ogre*

Preparação: Beatriz Mendes
Revisão: Maitê Zickuhr e Opus Editorial
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System e Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Fabio Oliveira
Imagem de capa: Jeff Cottenden

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Slimani, Leïla
No jardim do ogro / Leïla Slimani ; tradução de Gisela Anauate Bergonzoni. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
192 p.

ISBN: 978-85-422-4035-1
Título original: Dans le jardin de l'ogre

1. Ficção francesa 2. Ninfomaníaca - Ficção I. Título II. Bergonzoni, Gisela Anauate

25-5669 CDD 843

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção francesa

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2018 de l'Institut Français du Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.
Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2018 do Instituto Francês do Brasil, contou com o apoio do Ministério Francês da Europa e das Relações Exteriores.

INSTITUT FRANÇAIS BRASIL
Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Faz uma semana que ela aguenta. Uma semana que ela não cedeu. Adèle comportou-se. Em quatro dias, correu trinta e dois quilômetros. Foi de Pigalle até os Champs-Élysées, do museu d'Orsay até Bercy. Ela correu de manhã nos cais desertos. À noite, no boulevard Rochechouart e na place de Clichy. Não tomou álcool e foi deitar cedo.

Mas, esta noite, ela sonhou e não conseguiu dormir de novo. Um sonho úmido, interminável, que se introduziu nela como um sopro de ar quente. Adèle só consegue pensar nisso. Ela se levanta, toma um café bem forte na casa adormecida. De pé na cozinha, ela balança de um pé para o outro. Fuma um cigarro. Sob o chuveiro, tem vontade de se arranhar, de rasgar o corpo em dois. Ela bate a testa contra a parede. Quer que a agarrem, que arrebentem seu crânio contra o vidro. É só fechar os olhos que ela ouve os barulhos, os suspiros, os gritos, os golpes. Um homem nu ofegando, uma mulher gozando. Ela quer ser apenas um objeto no meio de uma horda, ser devorada, chupada, engolida inteira. Que belisquem seus seios, que mordam seu ventre. Quer ser uma boneca no jardim de um ogro.

Ela não acorda ninguém. Veste-se no escuro e não se despede. Está nervosa demais para sorrir a quem quer que seja,

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

para começar uma conversa matinal. Adèle sai de casa e caminha pelas ruas vazias. Desce as escadas do metrô Jules Joffrin, a cabeça baixa, nauseada. Na plataforma, um rato corre por cima da ponta de sua bota e ela tem um sobressalto. No vagão, Adèle olha à sua volta. Um homem com um terno barato a observa. Usa sapatos pontudos mal engraxados e tem mãos peludas. É feio. Ele poderia servir. Como o estudante que enlaça sua namorada e lhe dá beijos no pescoço. Como o cinquentão de pé contra o vidro, que lê sem levantar os olhos em sua direção.

Ela apanha no assento à sua frente um jornal de ontem. Vira as páginas. Os títulos se misturam, ela não consegue fixar a atenção. Fecha-o, exasperada. Ela não pode ficar ali. Seu coração golpeia dentro do peito, está sufocando. Ela solta sua echarpe, a faz deslizar pelo pescoço ensopado de suor e a coloca sobre um assento vazio. Levanta-se, abre o sobretudo. De pé, com a mão no fecho da porta, a perna tremendo, está pronta para saltar.

Ela esqueceu o telefone. Senta-se de novo, esvazia a bolsa, deixa cair um estojo de maquiagem, puxa um sutiã que ficou emaranhado nos fones de ouvido. *Pouco prudente esse sutiã*, pensa. Não pode ter esquecido o telefone. Se esqueceu, terá de voltar para casa, achar uma desculpa, inventar alguma coisa. Mas não, ele está lá. Sempre esteve lá, mas ela não o vira. Ela arruma a bolsa. Tem a impressão de que todo mundo está olhando para ela. Que o vagão inteiro zomba do seu pânico, de suas bochechas queimando. Ela abre o flip do pequeno telefone e ri ao ver o primeiro nome.

Adam.

De qualquer forma, já era.

Ter vontade já é ceder. A barragem está rompida. De que adiantaria se segurar? A vida não seria mais bela. Agora, ela

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

reflete como uma opiômana, como uma jogadora de cartas. Está tão satisfeita por ter afastado a tentação durante alguns dias que se esqueceu do perigo. Levanta-se, puxa para cima a trava pegajosa, a porta se abre.

Estação Madeleine.

Ela atravessa a multidão que avança como uma onda para se precipitar nos vagões. Adèle procura a saída. Boulevard des Capucines, ela começa a correr. *Tomara que ele esteja lá, tomara que ele esteja lá*. Diante das lojas de departamento, pensa em desistir. Ela poderia pegar a linha 9, que a levará diretamente ao escritório, na hora da reunião de pauta. Ela anda em torno da entrada do metrô, acende um cigarro. Aperta a bolsa contra o ventre. Um bando de romenas a avistou. Avançam sobre ela, com seus lenços na cabeça, alguma petição falsa nas mãos. Adèle acelera o passo. Pega a rue Lafayette, está fora de si, erra a direção, volta para trás. Rue Bleue.

Ela digita o código e entra no prédio, sobe as escadas como uma enlouquecida e bate na porta pesada, no segundo andar.

— Adèle... — Adam sorri, os olhos inchados de sono. Está nu.

— Não fale nada. — Adèle tira seu sobretudo e se joga sobre ele. — Por favor.

— Você poderia ter ligado... Não são nem oito horas...

Adèle já está nua. Arranha o pescoço dele, puxa seu cabelo. Ele graceja e se excita. Ele a empurra violentamente, estapeia-a. Ela segura seu sexo e se penetra. De pé contra a parede, sente-o entrar dentro dela. A angústia se dissolve. Ela reencontra suas sensações. Sua alma pesa menos, seu espírito se esvazia. Ela agarra as nádegas de Adam, imprime ao corpo do homem movimentos vivos, violentos, cada vez mais rápidos. Ela tenta chegar a algum lugar, está tomada por uma raiva infernal.

Planeta

— Mais forte, mais forte — começa a gritar.

Ela conhece esse corpo e isso a contraria. É simples demais, mecânico demais. A surpresa de sua chegada não é suficiente para sublimar Adam. Seu abraço não é obsceno o bastante, nem tenro o bastante. Ela coloca as mãos de Adam sobre seus seios, tenta esquecer que é ele. Fecha os olhos e imagina que ele a está forçando.

Ele não está mais lá. Sua mandíbula se contrai. Ele a vira de costas. Como toda vez, ele apoia sua mão direita contra a cabeça de Adèle, empurra-a para o chão, segura seu quadril com a mão esquerda. Ele lhe dá grandes golpes, bufa, goza.

Adam tem tendência a se deixar levar.

Adèle se veste de costas para ele. Tem vergonha de que ele a veja nua.

— Estou atrasada pro trabalho. Eu te ligo.

— Como quiser — responde Adam.

Ele fuma um cigarro, encostado na porta da cozinha. Toca com a mão o preservativo que pende da ponta do seu sexo. Adèle evita olhá-lo.

— Não encontro minha echarpe. Você não a viu? É uma cinza de caxemira, gosto muito dela.

— Vou procurá-la. Te devolvo da próxima vez.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Adèle adota um ar despreocupado. O importante é não dar a impressão de se sentir culpada. Ela atravessa a redação como se estivesse voltando de uma pausa para fumar, sorri a seus colegas e senta à sua mesa. Cyril tira a cabeça de sua gaiola de vidro. Sua voz é coberta pelo rumor dos teclados, pelas conversas telefônicas, pelas impressoras que cospem artigos, pelas discussões ao redor da máquina de café. Ele berra.

— Adèle, são quase dez horas.

— Eu tinha um compromisso.

— Sim, é isso. Você está com duas matérias atrasadas, não estou nem aí pros seus compromissos. Eu as quero pra daqui a duas horas.

— Você vai receber suas matérias. Estou quase acabando. Depois do almoço, pode ser?

— Que saco, Adèle! Não dá pra perder tempo te esperando. A gente tem um fechamento, merda!

Cyril se deixa cair sobre a cadeira, agitando os braços.

Adèle liga seu computador e apoia o rosto nas mãos. Não tem a menor ideia do que vai escrever. Ela nunca deveria ter se comprometido a fazer aquela matéria sobre as tensões sociais

Planeta

na Tunísia. Fica se perguntando o que deu nela para levantar a mão durante a reunião de pauta.

Ela deveria pegar o telefone. Ligar para seus contatos locais. Fazer perguntas, cruzar informações, fazer as fontes falarem. Ela teria de ter vontade, acreditar no trabalho bem-feito, no rigor jornalístico sobre o qual Cyril martela tanto em seus ouvidos, justo ele, que é capaz de vender a alma por uma boa tiragem. Ela deveria almoçar na sua mesa, com os fones nos ouvidos, as mãos no teclado sujo de migalhas. Beliscar um sanduíche esperando que uma assessora de imprensa cheia de si ligue de volta, exigindo ler sua matéria antes da publicação.

Adèle não gosta do seu trabalho. Detesta a ideia de ter que trabalhar para viver. Nunca teve outra ambição além de ser olhada. Bem que tentou ser atriz. Ao chegar a Paris, inscreveu-se em alguns cursos, onde se revelou uma aluna medíocre. Os professores diziam que ela tinha belos olhos e certo mistério. "Mas ser ator é saber desistir, senhorita." Ela esperou longamente que o destino se realizasse. Nada aconteceu como ela havia previsto.

Ela teria adorado ser a esposa de um homem rico e ausente. Para grande desgosto das hordas enraivecidas de mulheres ativas que a rodeiam, Adèle teria gostado de se arrastar por uma grande casa, sem outra preocupação além de estar bela quando o marido retornasse. Ela acharia maravilhoso ser paga pelo seu talento de distrair os homens.

Seu marido ganha bem. Desde que entrou no hospital Georges Pompidou, como especialista em gastroenterologia, ele multiplica os plantões e as substituições. Eles viajam de férias com frequência e alugam um apartamento na parte "boa" do 18º *arrondissement*. Adèle é uma mulher mimada, e seu marido se orgulha ao pensar que ela é muito independente. Ela acha que não é o suficiente. Que essa vida é pequena, co-

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

mezinha, sem nenhuma envergadura. O dinheiro deles cheira a trabalho, a suor e a longas noites passadas no hospital. Tem o gosto das reprimendas e do mau humor. Não os autoriza ao ócio nem à decadência.

Adèle entrou no jornal por indicação. Richard é amigo do filho do diretor de redação e lhe falou dela. Isso não a incomodou. É assim para todo mundo. No começo, ela quis fazer direito. Estava excitada com a ideia de agradar ao chefe, de surpreendê-lo com sua eficiência, com sua capacidade de se virar. Mostrou vivacidade, descaramento, descolou entrevistas que ninguém teria sonhado em fazer na redação. Depois se deu conta de que Cyril era um tipo obtuso, que jamais havia lido um livro e que era até mesmo incapaz de reconhecer seu talento. Ela passou a desprezar seus colegas, que afogavam no álcool as ambições perdidas. Acabou por detestar seu trabalho, aquele escritório, aquela tela, toda aquela exibição idiota. Não suporta mais ligar dez vezes para ministros que a repelem e acabam soltando frases tão vazias quanto o tédio. Tem vergonha de fazer voz melosa para obter favores de alguma assessora de imprensa. Tudo que importa é a liberdade que o ofício de jornalista lhe traz. Ela ganha mal, mas viaja. Pode desaparecer, inventar encontros secretos, sem precisar se justificar.

Adèle não telefona para ninguém. Abre um documento vazio, está pronta para escrever. Inventa citações de fontes anônimas, as melhores que conhece. "Uma fonte próxima ao governo", "um frequentador dos arcanos do poder". Encontra um bom gancho, faz um pouco de humor para distrair o leitor que ainda acredita ter ido ali para obter uma informação. Lê alguns artigos sobre o assunto, resume-os, copia e cola. Isso não leva nem uma hora.

— Tua matéria, Cyril! — grita, vestindo o sobretudo. — Vou almoçar, a gente se fala quando eu voltar.

Planeta

* * *

A rua está cinza, como que congelada pelo frio. Os rostos dos transeuntes estão tensos, esverdeados. Tudo dá vontade de voltar para casa e dormir. O mendigo na frente da loja Monoprix bebeu mais do que de costume. Ele dorme, deitado sobre uma grade de ventilação. Sua calça está abaixada, veem-se suas costas e suas nádegas cobertas de crostas. Adèle e seus colegas entram em uma *brasserie* com chão sujo e, como sempre, Bertrand diz, um pouco alto:

— A gente tinha prometido não vir mais aqui, o dono é um militante do Front National.

Mas eles vão mesmo assim, por causa da lareira e do bom custo-benefício. Para não se entediar, Adèle puxa conversa. Ela conta coisas à exaustão, reaviva fofocas esquecidas, pergunta a seus colegas sobre os planos para o Natal. O garçom vem tirar os pedidos. Quando lhes pergunta o que querem beber, Adèle propõe vinho. Seus colegas mexem devagar a cabeça, fazem caras sedutoras, fingem não ter dinheiro e que não é razoável.

— Eu pago pra vocês — anuncia Adèle, que está com a conta no vermelho e a quem seus colegas jamais ofereceram nem mesmo um drinque.

Ela não liga. Agora, é ela quem conduz a dança. É ela que oferece e tem a sensação, depois de uma taça de *saint-estèphe*, em meio ao cheiro do fogo à lenha, que eles a amam e que lhe devem algo.

São três e meia da tarde quando eles deixam o restaurante. Estão meio adormecidos pelo vinho, a comida farta e o fogo da lareira, que perfumou seus sobretudos e seus cabelos. Adèle

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

segura o braço de Laurent, cuja mesa fica em frente à sua. Ele é alto, magro e seus falsos dentes baratos lhe dão um ar de cavalo.

Na redação, ninguém trabalha. Os jornalistas estão sonolentos atrás das telas. Pequenos grupos discutem no fundo da sala. Bertrand perturba uma jovem estagiária que teve a imprudência de se vestir como uma aspirante a estrela dos anos 1950. No parapeito das janelas, resfriam-se garrafas de champanhe. Todo mundo espera a hora propícia para se embebedar, longe de suas famílias e de seus verdadeiros amigos. No jornal, a festa de Natal é uma instituição. Um momento de desregramento programado, quando se trata de ir o mais longe possível, de revelar seu verdadeiro eu aos colegas com quem terão, no dia seguinte, relações totalmente profissionais.

Todo mundo ignora na redação, mas, no ano anterior, a festa de Natal atingiu o ápice para Adèle. Em uma noite, ela saciou uma fantasia e perdeu toda a ambição profissional. Na sala de reunião dos redatores-chefes, ela se deitou com Cyril sobre a longa mesa de madeira preta envernizada. Eles beberam muito. Ela passou a noite perto dele, rindo de suas piadas, aproveitando todos os momentos em que estavam sozinhos para lhe lançar olhares tímidos e de uma doçura infinita. Fingiu estar ao mesmo tempo terrivelmente impressionada e terrivelmente atraída por ele. Ele lhe contou o que havia pensado dela da primeira vez que a havia visto:

— Te achei tão frágil, tão tímida e bem-educada...

— Um pouco travada, você quer dizer?

— Sim, talvez.

Ela passou a língua sobre os lábios, bem rápido, como um pequeno lagarto. Ele ficou atordoado. A sala de redação se esvaziou e, enquanto os outros arrumavam os copos e as bitucas espalhados, eles desapareceram rumo à sala de reunião, no

Planeta

andar de cima. Jogaram-se um sobre o outro. Adèle desabotoou a camisa de Cyril, a quem ela achava tão bonito quando era apenas seu chefe e quando lhe era, de alguma forma, proibido. Mas ali, sobre a mesa preta envernizada, ele se revelou gordinho e desajeitado.

— Bebi demais — disse, para se desculpar pela ereção molenga. Ele se encostou à mesa, passou a mão pelos cabelos de Adèle e empurrou sua cabeça entre suas coxas. Com o sexo no fundo da garganta, ela reprimiu a vontade de vomitar e de morder.

Ela o havia desejado, no entanto. Acordava cedo todas as manhãs para se embelezar, para escolher um vestido, na esperança de que Cyril a olhasse ou até fizesse um elogio discreto, em seus dias bons. Terminava seus artigos com antecedência, propunha reportagens no fim do mundo, chegava à sua mesa com soluções, nunca problemas, tudo isso com o único objetivo de agradá-lo.

De que servia trabalhar agora que ela o havia tido?

Esta noite, Adèle se mantém à distância de Cyril. Ela duvida que ele pense nisso, mas a relação deles se tornou muito fria. Ela não suportou as mensagens idiotas que ele lhe enviara nos dias que se seguiram. Deu de ombros quando ele lhe propôs timidamente jantarem uma noite num restaurante.

— Pra quê? Sou casada e você também. Só nos faríamos sofrer, não acha?

Esta noite Adèle não tem a intenção de errar o alvo. Brinca com Bertrand, que a irrita ao detalhar pela enésima vez sua coleção de mangás. Ele está com os olhos vermelhos, talvez tenha acabado de fumar um baseado, e seu hálito está ainda mais seco e ácido que o normal. Adèle faz um bom papel. Fin-

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

ge suportar a documentarista obesa que esta noite se permite um sorriso, e cuja boca só costuma exprimir resmungos e suspiros. Adèle se inflama. O champanhe corre solto graças a um político a quem Cyril dedicou um perfil elogioso na primeira página do jornal. Ela não aguenta mais. Sente-se bonita e detesta a ideia de que sua beleza seja inútil, que sua alegria não sirva para nada.

— Você não vai embora, vai? Vamos sair! Vamos... — implora Laurent, o olhar brilhante e tão entusiasmado que seria cruel lhe recusar qualquer coisa.

— Pessoal, vamos? — pergunta Laurent aos três jornalistas com quem conversa.

Planeta

Nesta semipenumbra, a janela aberta sobre as nuvens cor de malva, Adèle olha para o homem nu. O rosto enfiado no travesseiro, ele dorme um sono satisfeito. Ele bem que poderia estar morto, como esses insetos que o coito mata.

Adèle sai da cama, as mãos cruzadas sobre os seios nus. Levanta o lençol sobre o corpo adormecido, que se retorce para se esquentar. Ela não lhe perguntou a idade. Sua pele lisa e oleosa, o quartinho para o qual a levou fazem supor que é mais jovem do que alegou. Tem pernas curtas e nádegas de mulher.

A alvorada joga sua luz fria sobre o quarto em desordem. Adèle se veste. Não deveria ter ido embora com ele. No mesmo instante em que a beijou, colando os lábios moles contra os seus, ela soube que havia se enganado. Ele não saberia como preenchê-la. Ela deveria ter fugido. Encontrado uma desculpa para não subir até esta mansarda. Dizer: "Já nos divertimos bastante, não?". Ela deveria ter deixado o bar sem uma palavra, resistido àquelas mãos que a enlaçavam, àquele olhar vidrado, àquele hálito pesado.

Faltou-lhe coragem.

Eles subiram as escadas titubeando. A cada degrau, a magia se diluía, a embriaguez alegre dava lugar à náusea. Ele co-

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

meçou a se despir. Ela sentia seu coração se apertar, sozinha diante da banalidade de um zíper, do prosaísmo de um par de meias, do gesto desajeitado de um jovem beberrão. Ela queria ter dito: "Pare, não fale mais, não estou mais com vontade de nada". Mas ela não podia mais recuar.

Deitada sob seu torso liso, só lhe restava ir rápido, simular, acrescentar gritos para que ele se satisfizesse, se calasse, terminasse. Será que ele percebeu que ela fechava os olhos? Fechava os olhos com raiva, como se vê-lo a enojasse, como se pensasse já nos outros homens, os verdadeiros, os bons, aqueles de outro lugar, aqueles que teriam enfim um efeito sobre seu corpo.

Ela abre delicadamente a porta do apartamento. No pátio do imóvel, acende um cigarro. Mais três baforadas e ligará para seu marido.

— Te acordei?

Ela disse que dormiu na casa de sua amiga Lauren, que mora ao lado do jornal. Pede notícias do filho.

— Sim, a noite foi boa — conclui.

Na frente do espelho manchado do hall do prédio, ela alisa seu rosto e se vê mentindo.

Na rua vazia, ela ouve os próprios passos. Dá um grito quando um homem a empurra ao correr para pegar o ônibus prestes a frear. Ela volta para casa andando, para fazer passar o tempo, para estar certa de se refugiar em um apartamento vazio, onde ninguém a questionará. Ouve música e se funde a uma Paris gelada.

Richard tirou a mesa do café da manhã. As xícaras sujas estão na pia, uma torrada ficou colada num prato. Adèle se senta no sofá de couro. Não tira o sobretudo, aperta a bolsa contra o ventre. Não se mexe mais. O dia só começará quando ela tomar seu banho. Quando lavar sua camisa que cheira a

Planeta

tabaco frio. Quando esconder suas olheiras sob a maquiagem. Neste momento, ela repousa em sua sujeira, suspensa entre dois mundos, dona do tempo presente. O perigo passou. Não há mais nada a temer.

Planeta

 TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Adèle chega ao jornal, o rosto tenso, a boca seca. Não comeu nada desde a véspera. Precisa engolir alguma coisa para cobrir sua dor e sua náusea. Comprou um *pain au chocolat* seco e frio, na pior padaria do bairro. Dá uma mordida, mas tem dificuldade de mastigar. Gostaria de se enrolar como uma bola e dormir no banheiro. Está com sono e com vergonha.

— E então, Adèle? Não está muito cansada?

Bertrand se inclina sobre sua mesa e lança um olhar cúmplice, ao qual ela não reage. Ela joga o *pain au chocolat* na lixeira. Está com sede.

— Você estava em ótima forma ontem à noite. Não está com dor de cabeça?

— Tudo bem, obrigada. Só preciso de um café.

— Quando você está meio alta, é difícil de te reconhecer. A gente te vê assim, princesinha séria, com tua vidinha ajeitada. Você é uma bela festeira, na verdade.

— Pare.

— Você fez a gente rir muito. E que dançarina!

— Bom, Bertrand, preciso trabalhar.

— Eu também, tenho uma tonelada de coisas pra fazer. Quase não dormi. Estou virado.

Planeta

— Boa sorte, então.

— Não te vi indo embora ontem à noite. O jovenzinho, você o levou junto? Pegou o nome dele ou é assim mesmo?

— E você, pega o nome das putas que você leva pro quarto quando está numa pauta em Kinshasa?

— Nossa, está bem! Estava brincando. Seu marido não diz nada quando você volta pra casa às quatro da manhã, completamente bêbada? Não te faz perguntas? A minha mulher faria...

— Cale a boca — corta Adèle. O fôlego curto, as bochechas cor de carmim, ela aproxima seu rosto do de Bertrand. — Nunca mais fale do meu marido, ouviu bem?

Bertrand recua, com as palmas para o alto.

Adèle se arrepende de ter sido imprudente. Jamais deveria ter dançado, se mostrado tão disponível. Não deveria ter se sentado no colo de Laurent e contado, com a voz trêmula e completamente embriagada, uma sombria recordação de infância. Eles a viram se atirar no garoto atrás do bar. Viram-na e não a julgam. É bem pior. Agora vão acreditar que uma cumplicidade é possível, que a familiaridade é admitida. Vão querer rir com ela. Os homens vão crer que ela é malandra, lesta, fácil. As mulheres a tratarão como predadora, as mais indulgentes dirão que ela é frágil. Estarão todos enganados.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.